

BANCO DO BRASIL: A META DEVE SER O RESPEITO

Nos últimos meses, os sinais vindos da alta direção do Banco do Brasil têm causado **crescente preocupação entre os funcionários**. O que antes era um ambiente de trabalho pautado pela cooperação e pelo compromisso público, hoje se transforma em um **espaço de pressão, medo e adoecimento**, especialmente nas unidades de varejo, onde as metas se tornaram completamente fora da realidade.

As novas metas estabelecidas pela Diretoria de Varejo **ignoram as condições reais das unidades**, que sofrem com falta de pessoal, acúmulo de funções e infraestrutura limitada. Em muitas dependências, **não será possível cumprir o que foi determinado**, o que tende a impactar diretamente na **PLR dos trabalhadores**, aumentando ainda mais a **insatisfação e o desgaste emocional**.

“Na ânsia de satisfazer acionistas, **o banco impõe metas que ninguém consegue alcançar** e transforma o ambiente de trabalho em um campo permanente de **cobrança e medo**. A realidade é que a ampla maioria das dependências não conseguirá atingir os resultados exigidos pela direção. Essa política **desumaniza o trabalho e adoce** quem faz o banco funcionar”, afirmou **Fernanda Lopes**, coordenadora da Comissão de Empresa dos Funcionários do Banco do Brasil (CEBB).

O **movimento sindical alerta** que o avanço das **metas abusivas e o enfraquecimento do diálogo interno** corroem os valores históricos do BB e afetam diretamente o atendimento à população. **A verdadeira meta de um banco público deve ser o respeito — ao trabalhador, ao cliente e à missão pública que o Banco do Brasil representa.**

Em defesa do papel público do BB

A Comissão de Empresa dos Funcionários do Banco do Brasil (CEBB) cobrou, em reunião realizada no dia 6 de outubro, a **suspensão imediata do processo de reestruturação** em andamento e **criticou a ampliação da jornada para oito horas** em diversas funções estratégicas. Feitas sem diálogo com as entidades representativas, as mudanças **enfraquecem o caráter público do banco e colocam em risco sua função social**.

De acordo com **Fernanda Lopes**, “**o banco precisa decidir se quer ser um agente de desenvolvimento ou apenas mais uma instituição privada preocupada em gerar lucro para acionistas**”.

A CEBB ressalta que **o Banco do Brasil é essencial para o país**, pois garante **crédito à agricultura familiar, impulsiona políticas públicas e mantém agências em locais onde a iniciativa privada não chega**. “Enfraquecer o BB é prejudicar justamente a população que mais precisa do Estado”, destacou Fernanda.

A Comissão reafirma que **seguirá mobilizada para defender o banco público**, os acordos coletivos e as condições dignas de trabalho. Também voltou a **cobrar a realização de concurso público** para recompor os quadros e garantir atendimento de qualidade à população.

Substituições: banco volta atrás após pressão



Após intensa **cobrança do movimento sindical**, o Banco do Brasil voltou atrás e anunciou a **retomada do pagamento das substituições temporárias** a partir de novembro. A decisão corrige um **erro grave da direção**, que havia suspenso o benefício de forma unilateral, **desrespeitando o esforço diário dos trabalhadores**.

Em 2023, o retorno das substituições havia sido uma **importante conquista da categoria**. Por isso, o cancelamento repentino gerou **revolta e indignação** entre os funcionários, especialmente nas unidades do varejo, onde o cumprimento das metas e o acúmulo de funções já são uma constante.

“Foi uma **vitória das mobilizações e do diálogo**. Mas **seguimos atentos**, porque o respeito ao trabalhador não pode depender de pressão constante”, afirmou **Fernanda Lopes**, coordenadora da CEBB.

O movimento sindical segue cobrando do banco valorização, condições dignas de trabalho e transparência nas decisões que impactam diretamente a vida dos funcionários.

O futuro da Cassi depende de todos nós

As transformações recentes no Banco do Brasil impactaram diretamente a Cassi. O processo de reestruturação, principalmente o Performa, acarretou redução de salários e diminuiu significativamente a entrada de recursos no plano, que é sustentado pelo princípio da solidariedade. **O desafio agora é garantir a sustentabilidade sem comprometer o atendimento.**

Segundo **Fernanda Lopes**, “a Cassi é um patrimônio dos funcionários e precisa ser preservada com responsabilidade”.

O modelo atual de custeio — 52% do BB e 48% dos associados — é insuficiente. **As entidades defendem o retorno ao formato 70/30, a garantia do pós-laboral custeado pelo banco para funcionários** que ingressaram após 2018 e a inclusão dos colegas oriundos de bancos incorporados.

O banco tem responsabilidade direta com a saúde dos trabalhadores e total condição de reforçar o financiamento daqueles que constroem seus resultados.

A luta pela Cassi é coletiva. É hora de todos os **associados se mobilizarem, compreenderem o cenário e pressionarem o banco a assumir seu papel.** O futuro da Cassi — e da própria categoria — depende da **solidariedade e da união de todos**.

